

# As pinturas dos tectos da Igreja do Convento e Ordem Terceira do Carmo e da Igreja de Nossa Senhora da Purificação no reconcavo baiano

*Maria de Fátima Hanaque CAMPOS \**

O Reconcavo abrangia área formada por margens, baixas e tabuleiros que contornavam a Baía de Todos os Santos, e incluía a capital administrativa - Salvador desde 1549. Esta funcionava como cidade-porto, e as actividades desenvolvidas na periferia do território das freguesias, nos engenhos, fazendas que a cercavam eram distintas e articulavam-se com as actividades do seu centro urbano. O povoamento do Reconcavo baiano se fez desde os primórdios do século XVI, devido as condições naturais favoráveis ao plantio da cana-de-açúcar e outros produtos.

As povoações surgiram a partir da concessão de sesmarias que eram doadas pelo rei de Portugal para aqueles que tivessem posição financeira para fixar nas terras e cultivá-las.

No final do século XVII, são elevados a vila os principais portos da região. A primeira e mais próxima da cidade do Salvador foi a de S. Francisco, com o nome de Sergipe do Conde.

A Vila de Santo Amaro da Purificação teve desenvolvimento nos primórdios do século XVIII, situada as margens do rio Sergipe do Conde, depois Santo Amaro. Estava situada num terreno de barro massapé bom para o cultivo da cana-de-açúcar, tabaco e como também por duas estradas que possuía: uma que ia para o Norte, penetrando os sertões e o Maranhão; a outra atravessava os Campinhos, que conduzia para Minas Gerais e até Rio de Janeiro <sup>1</sup>.

Em relação à Vila de Cachoeira teve seu desenvolvimento a partir do século XVII. A freguesia foi criada em 1698 sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, os limites do termo foram estes: desde o rio Subahuma, da Freguesia de São Domingos de Saubara; divisão da mata com o termo de São Francisco de Sergipe; até Inhambupe seguindo o Rio Real. Estava situada num vale, a margem esquerda do Rio Paraguaçu <sup>2</sup>. A Vila de Cachoeira

\* *Doutoranda em História da Arte na FLUP e bolsista da CAPES.*

<sup>1</sup> VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. vol. II. A vila de Santo Amaro possuía 4 freguesias: Nossa Senhora da Purificação de Santo Amaro, São Pedro em Jacuipe ou Rio Fundo, Nossa Senhora da Oliveira dos Campos, São Domingos da Saubara. p 479-480.

<sup>2</sup> MILTON, Aristides. *Ephemerides Cachoeiranas*. p.16-17.

e a Vila de Santo Amaro da Purificação tinham limites dos termos próximos entre si.

No *Termo da Criação da Vila da Cachoeira, por ordem de El-Rei*, (1698) se declarou a instalação da Vila e a necessidade da edificação da Casa da Câmara no alto da praça, “a respeito de ficar a cadeia livre de alguma inundação de águas que pode haver...”, as casas de taipa a mão deveriam ser derrubadas para permitir os carros circularem por caminhos arruados com disposição para novas casas. Não faltou o fincamento de um pelourinho num terraplano fronteiro ao porto.<sup>3</sup>

O desenvolvimento da vila deu-se a partir do fim do século XVII graças a lavoura da mandioca e do fumo e do comércio favorecido pela localização geográfica, dando-se um entreposto entre o sertão e o litoral.<sup>4</sup> No início do século XVIII, passavam as boiadas pela vila que iam seguir directo para a capital.

Interessa nesta comunicação ressaltar a importância do Reconcavo baiano; da instituição religiosa – a Ordem dos Carmelitas; da pintura religiosa como reflexo de um programa artístico estabelecido ou não e como tal, um meio de evangelização.

O acervo arquitectónico e artístico foi construído dentro de um contexto de desenvolvimento económico, de uma necessária implementação da vida social e através de práticas de políticas urbanas e de investimento de muitos senhores de engenho e outros membros da sociedade da região.

Dentro dessa implementação sócio-urbana, destacam-se as construções de templos religiosos. Notadamente, merecem ênfase no Reconcavo baiano a Igreja e Convento e Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira e Igreja da Nossa Senhora da Purificação. É claro que passaram por reformas de maior investimento a partir de meados do século XVIII, dentro de um programa decorativo influenciado pelas informações vindas de Salvador, como modelo de plantas e fachadas das igrejas, a talha nos altares, a utilização de azulejos no interior e a pintura no forro destas igrejas.

As pinturas a serem analisadas encontram-se na parte do revestimento do forro quer na capela-mor ou da nave. Destacamos na Igreja do Convento do Carmo pinturas ilusionistas com utilização de perspectiva com cena hagiográfica no centro. A pintura do forro da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira é composta por 11 painéis enquadrados por molduras com talha. E por fim, trataremos da pintura do forro da igreja da Nossa Senhora da Purificação de Santo Amaro, de bom acabamento na forma da perspectiva ilusionista. (Apresentam-se estas pinturas com diversidade em termo de generos e qualidade técnica para um período muito curto da história da arte brasileira: a segunda metade do século XVIII).

<sup>3</sup> SOUZA, António Loureiro de. *Notícia histórica da Cachoeira*.p.13-15.

<sup>4</sup> MILTON, A. op. Cit. Em 1705, o governador d. Rodrigo da Costa escreveu a câmara desta cidade, então vila, para que ela não consentisse fazer-se no Capoeirussú, Pinguela, Varge, e freguesia de S. Pedro da Moritiba, outra plantação que não fosse a de mandioca. p. 225

## A Igreja e Convento do Carmo de Cachoeira

A presença de ordens religiosas no Reconcavo tem início no século XVI onde actuaram inicialmente os jesuítas, depois franciscanos e carmelitas, os quais estabeleceram-se quer de forma missionaria, quer na evangelização dos fiéis, promovendo construções de conventos e igrejas e a formação de irmandades e confrarias.

Serafim Leite, refere-se as missões no Reconcavo baiano, com descrição do contingente de pessoas envolvidas no cultivo da cana de açúcar, e das formas do seu controle, bem como dos abusos em negros e índios e a elevação dos mesmos na cristianização.<sup>5</sup>

Os monumentos religiosos construídos desde os primórdios nesta área, inicialmente de construção primitiva, mas, que passaram por reformas posteriormente, tiveram o empenho destas ordens religiosas que lá se estabeleceram em conjunto, quer com o apoio da Coroa Portuguesa, quer dos grupos sociais.

Alguns religiosos que permaneceram nesta região tiveram grande destaque como o padre Alexandre de Gusmão, jesuíta, que fundou na Vila de Cachoeira, o Seminário de Belém, iniciada a construção em 1687, e dele foi duas vezes reitor, e de lá saíram muitos para a vida religiosa.

Data do final do século XVII a expansão dos carmelitas na Bahia, que teve à frente o Pe. Mestre Frei Manoel da Assunção. Em 1688 fundaram no Reconcavo baiano inicialmente um hospício ou recolhimento para pouso dos religiosos em missão em direcção ao rio São Francisco em terreno doado pelo Capitão João Rodrigues Adorno e sua mulher Dona Ursula de Azevedo. Em 1692, contavam com seis religiosos e tinham acção missionaria chegando a fundar a aldeia de Capoeirussú. Alguns anos depois foi demolido o edifício e edificaram o convento atual com nove celas, dois salões, refeitório, cozinha, catacumbas, outras dependências e uma igreja.

Em 1720, foi publicado um Breve do Papa, criando na Bahia uma província carmelitana que ficava independente e separada desde logo da do Rio de Janeiro. Em consequência dessa criação, passou o convento do Carmo desta cidade, a fazer parte da nova província.

A construção foi custeada através de esmolas e venda de capelas e sepulturas. A

data em que foram iniciadas as obras tem como referencia a segunda doação do terreno, por volta de 1751.<sup>6</sup>

A planta é simples, com capela-mor profunda, com uma porta de cada lado do altar e outras duas em plano inferior, nas paredes laterais; nave única, espaçosa, iluminada apenas pelas janelas do coro, com uma capela de cada lado, que não chegam a caracterizar um cruzeiro. *Roberth Smith*, diz que a fachada ostenta decoração de estuque no frontão de estilo rococó e que possui adornos

<sup>5</sup> LEITE, Serafim. *Historia da Companhia de Jesus no Brasil*. Em 1583, o Visitador escreve que nos engenhos e fazendas de portugueses haviam duzentas, trezentas pessoas com grande necessidade e sem padres nem ministros da sua salvação. p. 305-306

<sup>6</sup> Idem. p. 16

na fachada, motivo frequentemente usado nas construções à beira-mar na Capital.<sup>7</sup>

A construção da igreja e ornamentação foi lenta pelos poucos recursos da ordem. Em 1797, a comunidade e seus rendimentos eram assim discriminados: “Tem esse convento quatro religiosos, sacerdotes, um leigo e por seus bens e rendimento: duas fazendas uma de plantar cana de açúcar e outra de lavoura de tabaco e ambas rendem por ano 800\$000. Terras aforadas, cujos foros rendem 107\$270. Quinze propriedades das casas que rendem 232\$240. He seu atual rendimento 1.139\$510.”<sup>8</sup>

A ornamentação da Igreja de Cachoeira, na quase sua totalidade, revela ter sido executada no terceiro quartel do século XVIII. Pouco resta atualmente desta decoração. A capela-mor felizmente conserva intacto o forro de madeira, em tábuas corridas, em forma de abobada, com uma pintura ilusionista com características bem distintas. A pintura é em óleo sobre madeira, com 1064 cm de comprimento por 800cm largura. Não há identificação do pintor.

A pintura central representa Nossa Senhora do Carmo, nimbada, raios intercalados por doze estrelas, coroada: sentada sobre nuvens vestindo túnica marrom e manto branco. Mão esquerda apoiando o Menino Jesus, sentado: mão direita entregando o escapulário a São Simão Stock, este genuflexo sobre nuvens: vestindo o hábito da Ordem dos Carmelitas. Contorna a cena central, nuvens, querubins, serafins, dois segurando faixas com inscrições e um livro aberto e ramo de lírio. A cena principal representa o momento da vida em que São Simão Stock, numa visão recebeu o escapulário, com o qual todos os carmelitas estariam salvos do inferno. Emoldurando medalhão, elementos arquitetônicos: pilastras, balcões, cornijas, mísulas, ornatos em guirlandas, conchas, *rocailles*, curvas e contra curvas, em volutas. Aparecem figuras que simbolizam as três virtudes e figuras de carmelitas.<sup>9</sup>

A adoção dos elementos arquitetônicos causa impressão, pois nota-se que o pintor não tem domínio da perspectiva, ou seja, não constrói os objetos sob um único ponto de fuga. Mas mesmo ao considerar a falta de técnica do mesmo



Pintura da capela-mor da Igreja do Convento do Carmo

<sup>7</sup> *Ibidem*. p.16

<sup>8</sup> *Idem*. p. 23-24

<sup>9</sup> As pinturas em estudo já foram inventariadas pelo Instituto Nacional de Bens Múveis e Integrados – IPHAN, Bahia. 1º Módulo – Reconcavo

ao utilizar um modelo que tenta transpor, ressaltamos um recurso muito interessante de repetição de linhas horizontais e verticais que dão uma ideia de profundidade. O espaço da cena hagiografica é inferiorizada pelo enquadramento arquitetónico que o circunda. Valentim Calderon, considera as características desta obra e a situa pelos anos de 1770/75, a filiar à escola de José Joaquim da Rocha. Ora, sabemos que o pintor José Joaquim da Rocha foi um dos maiores na pintura ilusionista na Bahia na segunda metade do século XVIII, e que surgem pintores que por ventura vieram a ser seus discipulos ou não, desenvolveram as técnicas deste género e que seguiram um modelo que tem como referencia o tratado do Andrea Pozzo (1708-1711). Entretanto, a pintura referida não assemelha-se as soluções encontradas em Salvador da Bahia.

Os tratados de pintura cenografica ou de perspectiva circularam durante o século XVIII por toda a Europa, e em Portugal. A quadratura invade o espaço pictórico como uma nova proposta decorativa, quer seja em suporte de madeira ou de reboco, quer como formas de revestimento decorativo e a inserir-se nos preceitos do barroco. Os suportes forrados a madeira foram os mais utilizados em Portugal e muito mais no Brasil. Em maior quantidade abobadados e a sua cobertura estruturada em ripas longitudinais.

O grande forro de madeira que cobria a nave, em grande parte caído por falta de telhado, era uma pintura ilusionista, com simulação de arcadas simples com guirlandas, rodeando uma grande cena central, com grupos de santos em diversos niveis, sobre os quais se encontravam a figura de Nossa Senhora do Carmo rodeada de anjos. Esta pintura apresentava um enquadramento inusitado para a pintura religiosa na Bahia no século XVIII. Ainda que consideremos as limitações pela falta de técnica do pintor, a solução adotada foge em alguns pontos de modelos estabelecidos pela provavel escola de pintura de José Joaquim da Rocha: a cena central aparece solta e com grande espaço celestial com nuvens a circundá-la; o enquadramento arquitetónico recria arcadas romanas a exemplo do que encontramos nos anfiteatros romanos.



Pintura do forro da nave da Igreja do Convento do Carmo

A pintura em perspectiva já estava difundida pelo Brasil desde a segunda metade do século XVIII. No Nordeste encontramos a Igreja e Convento de Santo António da Paraíba (1598), que tem a decoração do século XVIII com forro monumental da nave da igreja a exhibir pintura com composição temática dos santos franciscanos e representação dos elementos arquiteturais da quadratura e falsa cúpula de pintura aerial, de autoria não determinada. É atribuído por Carlos Ott ao pintor José Joaquim da Rocha.

Em Pernambuco, a Igreja e Convento de Santo António de Igaracu, (1588). Em 1748 consta a rubrica do pintor Rebelo (ou Rabelo), autor do painel monumental do forro; Igreja e Convento de Nossa Senhora das Neves (1585), possui painel do forro do coro com pintura aerial ilusionista; Igreja de São Pedro dos Clérigos do Recife (1719), considerada um dos mais notáveis exemplos do barroco luso-brasileiro. Possui grande forro octogonal da nave, gamelado, pintado por João de Deus Sepulveda por volta de 1770 em quadratura arquitetural ilusionista.<sup>10</sup>

A Igreja e Convento de São Francisco, em São Cristóvão- Sergipe, também denominado "Convento do Bom Jesus" (1693), possui no forro da nave pintura arquitetónica ilusionista do século XVIII. A Igreja Matriz de Nossa Senhora Divina Pastora construída em meados do século XVIII, mas com características neoclássicas. O forro da capela-mor da igreja possui pintura com perspectiva ilusionista. São ambas atribuídas ao pintor baiano José Teófilo de Jesus.

A Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Domingos de Gusmão, em Salvador, a ordem começou a edificar o seu templo em 1723, possui pintura com perspectiva ilusionista no forro da nave da igreja atribuída a José Joaquim da Rocha entre 1780 e 1782.

No estudo sobre *O tecto da Igreja do Seminário de Santarém e os seus presumíveis autores* de Vítor Serrão<sup>11</sup> ao referir-se à igreja do Seminário discorda de ter sido pintado por Pedro Alexandrino, e cita uma tradição que tendia a atribuir a este pintor todas as boas pinturas executadas em Portugal após o terremoto de 1755, e que ocorreu semelhante em torno do Grão Vasco quinzentista. Ocorre também no Brasil a sugestão de que José Joaquim da Rocha executou pinturas de tectos da Bahia até a Paraíba.

E mais, nos diversos tectos pintados por Pedro Alexandrino, alguns dos quais já no século XIX, refere-se ao desaparecimento do gosto por arquiteturas perspectivas, iniciado por Baccarelli em fins do século XVII, reduzindo-se a pintura ao conceito do quadro de altar aplicado ao tecto.

As restrições e proibições impostas pelo Marques de Pombal, na segunda metade do século XVIII, que tanto prejudicaram a vida dos conventos, tam-

<sup>10</sup> VALADARES, Clarival do Prado. *Nordeste histórico e monumental*. 1990, p.238 O autor faz referencia a valorização de espaços vazados ao modo dos desenhos de Giovanni Battista Piranesi (1720-1778) e do Tratado de Antiguidades Romanas dos Tempos da Republica, editado sob o titulo de Algumas Vistas dos Arcos Triunfais. Seus diversos livros foram de grande ressonância em sua época

<sup>11</sup> SERRÃO, Vítor. *O tecto da Igreja do Seminario de Santarem e os seus presumiveis autores*. p. 254

bém atingiram os carmelitas de Cachoeira, que a partir dessa época, começaram a declinar pela impossibilidade de admitir noviços, diminuindo, como vimos, o numero de religiosos, passando a existir espaços vazios no edifício, que logo foram utilizados pelo governo para as mais diversas finalidades.

Em 1823 foram iniciadas as obras de restauro no convento do Carmo desta cidade salvando-o da ruína. Despendeu-se então 4:000\$000.<sup>12</sup>

Em novembro de 1857, o prior Frei Manoel de São Joaquim Teixeira queixava-se amargamente ao Presidente da Câmara Municipal do mísero estado em que se achava o Convento, entregue ainda ao serviço publico, e implorava um auxilio para evitar a completa ruína “ do majestoso templo de Nossa Senhora do Carmo o que era necessário acudir de pronto”.<sup>13</sup>

Quanto aos artistas que trabalharam nesta região encontram-se inicialmente alguns nomes: Antonio Rodrigues Braga (\*?, 16...- +Bahia?,17...?), sem indicação de suas origens, aparece como pintor acreditado, na Bahia, em 1700, quando ajustou com os religiosos do Convento de São Francisco do Paraguaçu o douramento do retabulo e a pintura e o douramento do arco e teto da capela-mor da Igreja. Antonio Jose Lopes (\*?,17...? - +Bahia, 17...?), depois da conclusão das obras internas da Capela do Senhor Bom Jesus da Saubara, então pertencentes à Santa Casa, foram feitas obras ornamentais.

Em 1763, AJL foi incumbido de fazer um respaldo fingindo de seda, com “toda a talha de que consta dourada, os fundos e lisos de cores”; quatro portas e quatro janelas” pintadas de verde com oleo” e as duas portas que ficam na parte interior “fingindas de raiz de oliveira”; um pulpito com sua pintura de cores; um frontal ”fingindo de damasco”; e o forro da capela-mor com suas tarjas de cores. Manoel do Carmo Pinheiro

(\*?,17...? - +Cachoeira, Ba, 5/mai/1815), irmão noviço em 1779, professou na Ordem Terceira do Carmo em 16/jul/1780. Dourou o arco da capela-mor da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Salvador, em 1780. Nesse ano e no seguinte, para a mesma Ordem Terceira, encarnou pequena imagem de Cristo e executou pinturas na Igreja. Em 1783, dourou 18 sobreportas do interior da Igreja de Nossa Senhora da Saude e Gloria. A inclusão deste deve-se ao fato de ter fixado-se em Cachoeira nos ultimos anos de vida possivelmente a exercer atividade artística lá.<sup>14</sup>

## A Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira

A Igreja no Brasil teve características distintas de Portugal, sobretudo, pela grande participação dos leigos. Estes participavam na construção das igrejas, nos atos do culto e na promoção das devoções. As confrarias tiveram grande atuação durante os seculos XVIII e XIX.

<sup>12</sup> MILTON, Aristides. *Ephemerides Cachoeirana*. p. 189

<sup>13</sup> CALDERON, Valentin. *Op. cit.* p. 29

<sup>14</sup> ALVES, Marieta. *Dicionario de artistas e artificies na Bahia*. p. 38;96;137

A finalidade específica era a devoção a um santo e inicialmente ocupava-se um altar lateral para prestar culto ao seu santo numa capela ou igreja já dedicada a outro protector. Só a partir da primeira metade do século XVIII se multiplicaram as igrejas ricas e suntuosas construídas pelas confrarias religiosas.

As ordens mendicantes (franciscanos e carmelitas) foram as que tiveram maior influência através da Ordem Terceira do Carmo e da Ordem Terceira da Penitência.

A Ordem Terceira do Carmo foi implantada na cidade do Salvador em 1636 e foi seu fundador o negociante dessa praça Pedro Alves Botelho.

No Reconcavo foram vários os comerciantes que participaram na manutenção das irmandades, como o português João Amaro Lopes que mantinha uma enrola de fumo na cidade de Cachoeira e ao falecer aos 70 anos deixou valioso legado à Santa Casa da Misericórdia desta cidade. Como também na freguesia de Muritiba, então pertencente ao termo e comarca desta cidade, o capitão José Francisco Pedreira Sampaio que ali tinha reconstruído, por sua conta, a igreja de Nossa Senhora do Rosário. O tenente João Manuel da Conceição, era escrivão da paz do distrito que muito fez pela capela de Nossa Senhora do Amparo. Em 1844 faleceu o português João José Espínola, deixando testamento em que fez muitos legados a Ordem Terceira do Carmo, a igreja da Conceição do Monte, a capela de Nossa Senhora do Amparo e a Santa Casa da Misericórdia.<sup>15</sup>

Com a fundação do Convento do Carmo de Cachoeira e com o desenvolvimento da aldeia, pouco mais tarde convertida em freguesia, três anos depois da chegada dos carmelitas, foi criada a Venerável Ordem Terceira do Carmo o que aconteceu em 1691.

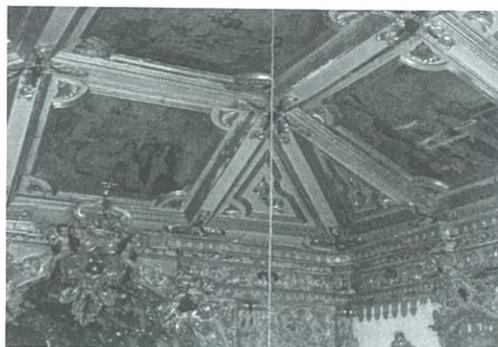
Em 1701, o capitão João Rodrigues Adorno, que era prior da Venerável Ordem Terceira do Carmo, fez doação do terreno necessário para ser edificada a respectiva igreja, cujas obras ficaram concluídas em 1778. O muro externo, que fecha o espaço compreendido entre a mesma igreja e o átrio foi construído em 1813.

No dia 8 de setembro de 1696, a ordem recebeu seu compromisso, coordenado por Frei Manoel Ferreira da natividade, Vigário Provincial do Rio de Janeiro, Comissário Reformador e Visitador Geral da ordem Carmelitana. Por esse compromisso continuaram os terceiros cachoeiranos a reger-se até a segunda década do século atual.

As obras da igreja devem ter começado nos primeiros anos do século XVIII. A vista da fachada, que estaria concluída já em 1724 prolongando-se as do consistório e claustro até 1778. O valor e interesse da igreja encontra-se nas talhas de madeira dourada.

O painel da igreja localizado na nave contém pintura em madeira sobre óleo, com características do século XIX. As dimensões são altura 160 cm por 230 cm de largura. Constam doze painéis com temática de Santa Teresa e santos carmelitanos, a seguir: Santa Teresa no Céu, Morte de Santa Teresa, Santo Elias e Santa Teresa, Cena religiosa, Virgem salvando jovem, Santa Teresa e São Simão Stock, Santa Tereza e São José, Cena religiosa, Nossa Senhora do Carmo e Santa Teresa, Visão de Santa Teresa, Extase de Santa Teresa.

<sup>15</sup> MILTON, Aristides. Op. cit. p. 315



Pintura da nave da Igreja da Ordem Terceira do Carmo

Uma das características da iconografia barroca cristã, as ordens religiosas criaram grandes ciclos de quadros históricos sobre uma personagem ou uma ordem, sendo representada em igrejas, claustros, refeitórios, bibliotecas, etc.

Esta ordem prestigiou sua origem remontando aos tempos bíblicos, com o profeta Elias.

Outro tema era a da Virgem que representavam com túnica branca, acolhendo os filhos da ordem baixo seu manto. A virgem do Carmo apareceu a São Simão Stock para entregar-lhe um escapulário que tinha a virtude de livrar das penas do inferno a quem o levava.

Santa Teresa, promotora da reforma carmelitana, no seu desejo de voltar a primitiva regra do carmelito, que confirmou o Papa Pio V.

A pintura forma um conjunto com outros dez painéis ilustrativos e quatro decorativos formando abobada de berço. A pintura a óleo é executada sobre tábuas largas, sendo cada painel separado do outro por molduras retangulares douradas com frisos, vértices em curvas, centradas por ornamentos em feixes de plumas. A divisão geométrica dos caixotões retangulares é de tradição clássica, característica da primeira metade do século XVIII, cores predominantes: vermelho, rosa, ocre, azul, marrom, cinza.

A pintura é de execução simples, com características estilísticas que guardam elementos da pintura da primeira metade do século XVIII, introduz elementos ilusionistas e busca formas naturalistas no século XIX. Ainda que sejam de pequeno valor artístico, e com prováveis repinturas integra-se no conjunto de cor e luz da decoração.

Há em Recife, Pernambuco, na Igreja da Ordem Terceira do Carmo pinturas de tectos apainelados com cenas da vida de Santa Teresa d'Ávila e temas carmelitanos, de autoria do pintor João de Deus Sepulveda, conforme contrato de 1760. Consta Êxtase de Santa Teresa, Santo Eliseu prega para o Rei David, David tange a harpa para Santa Teresa, A morte de Santa Teresa.

O suporte sofreu alterações durante o século XVI ao XVII diante da diversidade das pinturas de tectos. Magno Mello<sup>16</sup> propõe algumas variantes na decoração de tectos:

<sup>16</sup> MELO, Magno. A pintura de tectos em perspectiva no Portugal de D. João V. p. 63

1. Suporte abobadado, subdividido em caixotões:
  - Só com o uso da talha;
  - Cenas hagiográficas, entre molduras;
  - Decoração com brutesco arcaico. Esta evolui para o brutesco nacional, com ou sem figura central, podendo ser em caixotes, em madeiras corridas ou reboco abobadado.
2. Por fim o uso da perspectiva aplicada a suportes rebocados ou forrados de madeira, encontrados nos tectos da nave e da capela-mor.

A pintura da nave da Igreja da Ordem Terceira do Carmo permanece com características clássicas e apaineladas ao tempo em que a pintura com utilização da perspectiva, já estava difundida por todo o Nordeste do Brasil. É provável que as mudanças não fossem interessantes já que o monumento religioso sustentou-se como uma cópia da Igreja de São Francisco, de Salvador com todo o interior rico, de talha dourada e pinturas.

Em 1817, reuniu-se a Mesa da Venerável Ordem Terceira no Carmo desta cidade que “estando os interesses da Ordem em decadência considerável se consumiam alguns dinheiros necessários para as cousas de obrigação e utilidade em cousas de mero luxo e, além de inúteis, prejudiciais, e motoras de intrigas entre os mesmos irmãos, como – por exemplo – gastarem-se anualmente 40\$000 e mais conforme o entusiasmo e brio do tesoureiro, em ramos de flores fingidas, que se costumavam dar aos irmãos, e mesários, e a outras pessoas particulares.”<sup>17</sup>

## A Igreja de Nossa Senhora da Purificação de Santo Amaro

A matriz de Nossa Senhora da Purificação tem 29 metros de altura, de linhas severas, encimadas por dois campanários, lageada com pedra de cantaria e, hoje, rodeada de elegante escadaria, substituindo os velhos gradis que a circundavam.

Quanto ao ano da sua fundação, está entre final do século XVII e o início do século XVIII, afirma-se que a primeira missa na matriz foi no dia 18 de outubro de 1700, dia de São Lucas. A sua nave é bastante espaçosa e o seu tecto é abobadado. Possui pinturas no tecto dos transeptos com cenas bíblicas. O altar-mor é bem iluminado por janelas. O coro é suportado por duas colunas de mármore liso. No fundo da nave existem dois grandes arcos, dos quais um se comunica com a sacristia e o da direita serve de entrada á capela do SS. Sacramento na qual a luz solar penetra por uma claraboia.

Por baixo do coro, a parede é rasgada por um arco que dá para o batisterio, de linhas singelas e elegantes, onde se destacam pias de grande capacidade, cavadas em pedra de cantaria.

<sup>17</sup> MILTON, Aristides. Op. Cit. p. 155



Pintura da nave da Igreja de Nossa Senhora da Purificação

Em outubro de 1790, o padre Pedro Lourenço Villas Boas, vigário colado na Igreja Matriz, solicita a Rainha D. Maria I, a reforma da capela-mor, que faz saber ao governador da Bahia da necessidade desta obra e a sua importancia, e a obrigação que tem a fazer.<sup>18</sup>

A pintura do forro da nave é em oleo sobre madeira, tendo de altura 250cm, de comprimento 2600 cm por 1200 cm de largura.

Tecto em abobada de berço com medalhão contendo a Sagrada Familia. Ao centro São José: de pé, nimbado, veste tunica talar cinza, manto ocre, segurando cesto com joelhos e ramo de lirios. Ao seu lado, Maria de pé, nimbada, veste tunica talar rosa, manto azul. O menino Jesus desnudo, apresentando-se ao sacerdote com vestes episcopais. Atras deste, duas figuras masculinas. Em plano elevado a figura do pai eterno, nimbado, sobre a cabeça um triangulo. Encontra-se sentado sobre nuvens. Veste tunica talar cinza, manto vermelho e encimando o Pai Eterno encontra-se uma pomba em voo.

Ao lado esquerdo de São José, anjos com oferendas, um com cestos o outro com ramos de lirio, um com maos postas. Lado direito, no canto inferior, uma figura feminina genuflexa e um arcanjo. Em plano inferior, quatro figuras alegoricas sobre globo. Toda a cena está envolta em nuvens e querubins. Contornando o medalhão central, gradil com jarros e flores. Decoração do tecto composta de formas arquitettonicas: cupulas, colunas, cornijas, balcões,

<sup>18</sup> Arquivo Histórico Ultramarino, Ms 14054

pilastra. Cartelas contendo anjo, anjos isolados com trombetas e flamulas, guirlandas.

Na extremidade superior, reservas contendo figura de Maria encimada pro coroa imperial, moldura de curvas, contra curvas e volutas, encimando inscrição *VIRGO POITINS*. Todo o tecto tem alusões a Maria. Contornando o tecto larga cercadura de folhas. Nos vertices atlantes.

A pintura do forro é sobre madeira em tabuas corridas, policromada. Tem predominancia das cores marrom, azul, ocre, vermelho, rosa, amarelo e branco.

A pintura tem maiores referencias com a chamada Escola Baiana de Pintura com influencia marcadamente de Jose Joaquim da Rocha, o maior pintor baiano. A pintura em perspectiva, que enfatiza o aspecto arquitetónico nas laterais e o sentido se sublimamento ao centro. Adota do barroco o jogo do claro-escuro e o uso de tons quentes. Fica também o sentido cenográfico e dramático do barroco.

A cena reproduz o momento em que Maria e José conforme a lei mosaica, apresenta o menino Jesus ao templo.

A pintura do forro da nave pelas características está situada entre finais do século XVIII e inícios do século XIX. E é atribuído a José Teófilo de Jesus como discípulo maior de Jose Joaquim da Rocha que falece em 1807.

As pinturas dos tectos das igrejas foram apresentadas mais como expressões realizadas a partir de condicionamentos locais e menos pelo valor artístico. Desta forma, pode-se extrair variadas formas e sentidos que contribuem para o estudo da arte baiana na segunda metade do século XVIII.

## Bibliografia

- ALVES, Marieta. *Dicionário de artistas e artífices na Bahia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Centro Editorial e Didático, Núcleo de Publicações, 1976.
- CALDERÓN, Valentim. *O convento e a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1976.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Livraria Portugália, 1938. V. 3
- MELLO, Magno Moraes. *A pintura de tectos em perspectiva no Portugal de D. João V*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- MILTON, Aristides. *Ephemerides Cachoeiranas*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1979. Coleção Cachoeira.
- SERRÃO, Vitor. *O tecto da Igreja do Seminário de Santarém e os seus presumíveis autores* [1975]. IN: Estudos de pintura maneiristas e barroca. Lisboa: Editorial Caminho, 1989
- SOUZA, Antonio Loureiro de. *Noticia histórica da Cachoeira*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1972. Estudos Baianos n. 5
- VALADARES, Clarival do Prado. *Nordeste histórico e monumental*. Salvador: Construtora Noberto Odebrecht S.A. 1990. V. 4 il.
- VILHENA, Luis dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. Salvador: Editora Itapuã, 1969. V. II.